



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

A POLÍTICA DO CONCELHO

Como vamos de política? Quem vai ganhar as eleições? Cá temos duas perguntas que as pessoas fazem a si mesmas e que igualmente colocam nos ouvidos dos seus parceiros de ocasião. Referimo-nos à política concelhia e conseqüentemente às próximas eleições autárquicas. Para ajudar a obter uma resposta antecipada ao que possa acontecer, há que passar uma vista de de olhos ao estado, não de Nação, mas sim de cada um dos partidos.

O PSD beneficia de um pressuposto lógico que tem peso que bate: se Alberto Figueiredo ganhou as últimas eleições «apenas» por se considerar um empregador e um homem de negócios com sucesso, embora ajudado por uma certa entourage ministerial, por uma grande disponibilidade financeira e por um frente a frente aceitável, agora, ou seja, para as próximas eleições, dispõe desse mesmo apoio chamemos-lhe logístico, duma certa euforia de realizações cuja iniciativa nem sempre lhe coube, e da circunstância de ser Presidente com um poder que da Presidência emana e que, pelo menos indirectamente, irá beneficiar a sua candidatura.

A acrescentar a tudo o que foi dito e ao que não foi mencionado, importa lembrar a elevação de esposende a cidade com os inerentes dividendos derramados sobre quem tomou a iniciativa da mudança de estatuto. Isto não significa que a benesse concedida à ex-vila esposendense se deva em exclusivo ao autarca de Apúlia. A mudança de vila a cidade constituiu um processo moroso em que intervieram várias gerações e vários Presidentes: a operacionalidade de um P.e Sá Pereira, o voluntarismo de um Costa Leme, o arrumar da casa de um Carlos Martins, o previsionismo de um Alexandre Losa, o transicionismo de Tina Torres, mas o certo é que foi Alberto Figueiredo a carregar no botão com o fenómeno de emergência prestes a atingir a hora H.

O CDS fez substituir uma senhora, Laurentina Torres, que já conhecia os cantos à casa concelhia, por um advogado, dr. Cubelo, com consultório bem acientado na Cidade do Porto. Este concorrente, natural de Marinhãs, de que hoje é considerado benemérito, não adeja a sua

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

MANUEL JOSÉ MAGALHÃES



Ex.mas senhora D. Sara Cardoso Lopes, D. Maria Magalhães e a menina Maria Pinheiro Borda». Esta D. Maria Magalhães era filha do nosso homenageado de hoje. Tinha um irmão que se chamava Ernestino Magalhães.

Mas isto seria muito pouco para encher esta secção. Pusemo-nos depois a cuscuvilhar nos jornais, mas o que encontrámos de concreto, de positivo, foi muito pouco, motivo por que tivemos de deduzir um perfil, mais que delineá-lo, através de alguns indícios. Isto, aliás, é possível em História. Enquanto que a Física é uma ciência de factos que estão presentes ao observador que os pode fazer surgir e manipulá-los a seu bel prazer, a História é uma ciência de factos passados que por isso mesmo são estudados através de testemunhos. E estes ainda podem ser directos e indirectos. Que é que queremos dizer com isto? Nos testemunhos directos surgem afirmações positivas, reveladoras por si mesmas do que se pretende enunciar, ao passo que há afirmações de que se pode extrair uma conclusão sem que esta se encontre explícita. São os testemunhos indirectos.

Vamos então exemplificar. O relatório do club Fãozense de 1900 vem assinado desta maneira: Presidente - Augusto Moreira Pinto; Secretário - Manuel José Magalhães; Tesoureiro - Manuel Gomes Penetra.

Naquele tempo ser sócio do Club Fãozense já requeria um certo estatuto e aparecer como secretário reflecte uma postura social de bastante relevo. Também do Cávado de 4 de Agosto de 1965 se transcreve uma carta datada de 1893, dirigida a António Veiga da Silva, na altura a viver no Brasil, dando conta das obras da estrada do mar (António Veiga). Era assinada por António Vilachã dos Reis, P.e Jerónimo Chaves, José Gonçalves Lopes e Manuel José de

(Continua na pág. 2)

APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS PS

«Vamos entrar na Câmara de Esposende. Eu garanto». Foi com estas palavras que o dr. Manuel Beirão candidato pelo PS à Câmara local, terminou o seu discurso, no decorrer de um jantar que se realizou no Hotel, no dia 1 de Outubro, para a apresentação dos candidatos às eleições autárquicas do concelho de Esposende.

Estavam presentes, além ds candidatos esposendenses, o já referido dr. Beirão (Câmara) e o dr. Juvenal (Assembleia Municipal), o dr. Fernando Moniz coordenador distrital, os deputados pelo distrito de Braga, drs. Laurentino Dias e Domingues Azevedo e ainda o eng. Artur Lopes, ex-Governador Civil de Braga, Américo Soares, candidato à Câmara de Amares e muitos socialistas do concelho.

Quase no final do repasto, usaram da palavra o Presidente do Secretariado do PS de Esposende, Eng. Luís Lamela que fez a apresentação do candidato dr. Beirão. Falou a seguir o Presidente da Comissão Política, dr. Gualdino que enumerou um rol de deficiências e lacunas locais. O dr. Moniz fez graves acusações à Câmara. O dr. Domingues Azevedo congratulou-se com a presença de muitas caras novas e o dr. Laurentino Dias fez o elogio dos autarcas socialistas do distrito. O candidato local, dr. Beirão fez um apelo ao partido no sentido de haver uma coesão firme contra o inimigo laranja. O candidato à Junta de S. Paio criticou o que foi prometido para Antas e que não se fez. Finalmente

(Continua na pág. 2)

MANUEL JOSÉ MAGALHÃES

(Continuado da pág. 1)

Magalhães. Em 1894, segundo o mesmo jornal, Manuel José Magalhães envia uma carta àquele ilustre fangeiro onde diz: «Ocorre-me o dever de participar a V. Ex.^a o que tem ocorrido relativamente à estrada do mar, para a qual V. Ex.^a tão generosamente mandou aplicar as sobras do dinheiro da canalização da água cujas sobras já o nosso amigo João Evangelista recebeu da Comissão da Alameda e por ordem de V. Ex.^a no valor de seiscentos mil reis». Outras cartas, assinadas quase sempre pelos mesmos fangeiros aparcem, sempre dirigidas àquele benemérito a tratar do mesmo assunto da estrada do mar. Era pois um prestante cidadão fangeiro.

Repare agora o leitor neste texto extraído de «O Esposendense» de 14 de Setembro de 1929: «Numa terra onde as iniciativas mais delicadas e mais carinhosas que por último têm surgido vão caindo inutilmente, umas pôr falta de protecção financeira e outras por ignorância das partes; numa terra onde não obstante os grandes exemplos recebidos de António Veiga, Amorim Campos, Cardoso Viana, Francisco Gaifém, Vilachã dos Reis, Manuel Magalhães, Moreira Pinto, etc., extraordinárias figuras do nosso tempo, a pouco e pouco vai desaparecendo de todo o chamado sentimento bairrista...»

Qur concluir? que deduzir? Que na verdade Manuel Magalhães foi alguém de importância em Fão, comparável pelo menos a António Veiga, a Amorim Campos, a Cardoso Viana,

a Moreira Pinto e outros. Citamos apenas estes porque já tiveram perfis e têm ruas em seu nome, o que abona a sua importância ou marca.

Manuel Magalhães tem já o seu nome ligado a um largo. Pena que não conseguíssemos encontrar a acta da sessão da Junta em que se justifica essa homenagem. Torna-se pacífico, pois, aceitar que foi um homem de teres dedicado à terra pela qual trabalhou e que mereceu o respeito, a consideração e homenagem dos seus conterrâneos.



EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

popularidade por grande parte do concelho. Será que esta candidatura reflecte ainda a descolagem dos chamados «Homens do Presidente (Losa) em relação à que foi a sua sucessora? As feridas, pelo que podemos ver, ainda não foram sanadas. E isto, em política, tem custos. Há que ter em conta, no entanto, o que se está a passar com Luís Viana em Fão. Está com uma candidatura muito forte, ou antes, tem recebido muitas promessas de votos que, a serem realidade, poderá ter repercussão concelhia.

O PS, que também não é um modelo de coesão, seguiu o mesmo caminho do CDS: ao médico dr. Juvenal Silva, contrapôs um outro clínico, o dr. Manuel Beirão, oriundo de uma família esposendense, a residir em Guimarães. Temos para nós que a dinâmica que Juvenal Silva insuflou no PS, num passado recente, extravasará para o movimento eleitoral deste ano. Não foi, porém, encostado aos «boxes» pois aparece em primeiro lugar para a Assembleia Municipal. A sua fibra, a sua solidariedade, a que se junta o trabalho do PS concelhio ao longo de 4 anos (15 socialistas estão a pagar a renda da sede), mais os quadros de que o partido dispõe no concelho, constituirão um handicap favorável à candidatura do representante do PS à Presidência da Câmara de quem se apercebe determinação e capacidade para bem servir os interesses do concelho.

Que dizer do PC de Esposende? A priori, diríamos que se trata de um grupo homogéneo, sem fendas nem deserções. Isso, esse estado de graça, não se verificou, porém, nas últimas eleições: houve transfugas como no PS, pois na actual legislatura o Partido Comunista não possui representantes na Assembleia Municipal. Não nos parece, contudo, que este ano o PSD e o CDS vão travar um medonho duelo com a fragorosidade de tempos idos, o que obstará à saída de pessoas filiadas nos partidos espectantes e que um tanto inconscientemente quiseram terçar armas nas pugnas travadas fora da sua área ideológica. O seu candidato à Câmara é Manuel Carvoeiro; para a Assembleia Municipal está indicado o dr. José Novais. Aqui a regra (com excepções, como se viu) que a ideologia, vale mais do que as pessoas. Isso bondará para que o PC coloque alguém na Assembleia?

Já agora, vamos colocar os outros partidos na mesma rampa. Será desta vez que o PS terá um representante seu na Câmara? O CDS ultrapassará a fragilidade de que ultimamente tem dado provas e igualar-se-á em número de vereadores ao seu eterno rival? Por sua vez ao PSD só interessará e bastará manter o *status quo* e ainda neste capítulo leva vantagem aos seus opositores. Atente-se contudo que o PSD está a ser muito desgastado a nível nacional.

APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS DO PS

(Cont. da pág. 1)

e para acabar a série de intervenções o dr. Juvenal usou da palavra e fez aquilo que não costuma fazer: leu a sua intervenção (com certeza para não esquecer nada) e então enunciou as razões fundamentais da sua candidatura e que nós vamos inserir na íntegra, pois congloba aquilo que os oradores precedentes disseram: Doze anos de gestão camarária com desvirtuamento do poder local, incapacidade política de oposição, ausência de alternativas credíveis, generalizado descontentamento da população, óbvia necessidade de uma candidatura que devolvesse a dignidade ao poder local. Mais proximamente: Prepotência do poder, novo requismo em atitudes de pompa e de fachada, prepotência do poder, distanciamento entre eleitores e eleitos, medo generalizado da população, flagrante quebra do jogo democrático, etc., etc., etc. Assim terminou.

Estavam presentes cerca de 200 pessoas. O ambiente era de esperança e havia expectativa de alguém do PS entrar na Câmara.



Os 4 mosqueteiros do PS de Esposende: dr. José Gualdino (Comissão Política), dr. Juvenal Silva (Assembleia Municipal), dr. Manuel Beirão (Câmara) e eng. Luís Lamela (Secretariado)

O BOM JESUS DE FÃO

1. PEREGRINOS DE SANTIAGO

Antigamente acorriam a Santiago de Compostela imensos peregrinos, pois era crença que todo o cristão teria de visitar o túmulo do apóstolo pelo menos uma vez na vida.

Um dos caminhos vinha do Porto por Vila do Conde, Póvoa de Varzim até Fão. Aqui uns passavam em barcos à outra margem mas a maioria ia até à Barca do Lago (Fonte-Boa), onde, numa barca, passavam para Gemeses, seguindo por Viana do Castelo, Areosa, Valença, Tui, etc.

Em Fão, no templo do Bom Jesus, os sacerdotes, que acompanhavam os peregrinos, celebravam missa.

Certamente que isso contribuiu para espalhar o culto do Bom Jesus de Fão.

2. CAUSAS DO FERVOR RELIGIOSO PARA COM O BOM JESUS NO PASSADO

Usavam os pregadores, em especial nas missões nas paróquias, aterrorizarem o povo, apresentando Deus como um ser justiceiro, vingador, cuja ira terrível esmagava o pobre pecador com a guerra, a peste, a fome, as tempestades, as doenças, a morte súbita e o castigo eterno.

Em Fão o clero era abundante, pois as famílias com posses procuravam ter um filho padre, pois o padre era um homem sagrado, que impunha veneração e respeito, era de Deus.

Em 1600 residiam em Fão 4 padres e em 1739 — 12!

Aqui celebravam-se muitas missas diárias, a que o povo assistia, o que mais afervorava a sua fé em Deus.

Todos procuravam garantir a vida eterna no Paraíso, deixando legados às confrarias para «enquanto o mundo faz mundo» se celebrarem missas por sua alma. Queriam também ser enterrados na igreja ou seu adro. Em Fão havia enterramentos no adro da Capela da Boa Morte (hoje cemitério de Fão, depois de alargado em 1890?), na Igreja Matriz, na da Misericórdia e na do Bom Jesus.

O povo sabia que Jesus foi manso e humilde de coração (Mateus XI-29), que perdoava os pecados, como fez à Madalena, à mulher adúltera, ao ladrão arrependido, que morreu a seu lado, na cruz, e, até perdoou aos seus algozes: «Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem» (Lucas XXIII, 34).

Ensinou-nos a rezar a sublime oração do «Padre Nosso» e insistiu «Pedi e dar-se-vos-á, buscais e achareis, batei e abri-se-vos-á» (Lucas XI, 9) ou, como refere S. João (XVI, 23 e 24) «Se pedirdes alguma coisa em meu nome ao Pai, Ele vo-la dará», «Pedi e recebereis».

Os primeiros apóstolos: Pedro e seu irmão André, Tiago e João, eram pescadores. Foram chamados a seguir à pesca milagrosa, feita por ordem de Jesus.

O episódio da barca colhida pela tempestade no mar, quando nela entrava Jesus a dormir, com os apóstolos em pânico a acordarem-no gritando: «Senhor, Salva-nos, perecemos» e Jesus ordenou às águas e ao vento e surgiu a bonança, devia ser muito recordado pelos pescadores e mareantes.

Também o episódio de Jesus caminhando sobre as águas para a barca, onde estavam os discípulos em perigo, devido à tempestade, que amainou, logo Jesus subiu para a barca, que também logo chegou ao seu destino, deverá ser muito lembrado pelos navegantes. No passado, Fão, foi uma terra cuja popula-

ção vivia da lavoura, do fabrico do sal, da pesca no rio ou no mar e como tripulantes dos barcos de navegação costeira ou que faziam carreira para o Brasil. Muitos mancebos foram tripulantes da marinha de guerra. Alguns chegaram a piloto e comandantes da marinha mercante.

A maior parte da população estava ligada às lides do mar.

Os pescadores fangueiros chegaram a utilizar os maiores barcos de pesca do Norte do século XVIII (Alberto Sampaio).

A navegação a remos ou à vela, em barcos de madeira, era especialmente perigosa em dias de tempestade. Nos momentos de aflição como não se lembrarem de Jesus o Bom Jesus, como amorosamente o povo o chama? E as promessas cumpridas são o testemunho das muitas graças concedidas pelo Senhor Bom Jesus de Fão.

A devoção ao Bom Jesus espalhou-se na orla marítima, chegou ao Brasil, de cujas capitánias e das Minas de Guro Preto, veio muito dinheiro para a construção do Templo actual.

Nenhum fangueiro imigrava sem ir orar ao Bom Jesus de Fão, beijar a sua imagem, tocá-lo com as mãos e colher um pedacinho da corda, que o cinge, que levava consigo como reliquia sagrada, a lembrar-lhe a sua terra e os seus familiares.

3 — CLAMORES

Em 1707 os clamores chegavam a Fão quase diariamente, dando avultadas esmolos, mas a sua maior afluência, segundo o Padre Chaves, tinha lugar no Domingo e segunda-feira de Pascoela, dia da Tradicional Romaria do Senhor de Fão. Clamores eram procissões de penitência, rogações ou preces para implorar o auxílio divino.

Em geral todos os templos importantes tinham os seus clamores, que foram proibidos pelo Arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha, em Portaria de 28/5/1910, com justificação nos abusos que se cometiam.

Em Fão havia clamores pela Páscoa, custeados pela Junta da Paróquia, que pagava o enfeite das cruzes. Eram as vias sacras.

Ao Bom Jesus havia clamores das freguesias circunvizinhas e de várias do litoral, certamente por influência dos pescadores e mareantes de Fão e dos párocos, daqui oriundos e da fama, que gozava o senhor de Fão de proteger os que recorriam ao seu nome.

O povo, com a cruz alçada (paroquial), concentrava-se na Igreja Matriz de Fão e daí, em procissão, pela Rua Prior Gonçalves Viana, Azevedo Cantinho e Alameda, chegava à Igreja de Bom Jesus, cantando a Ladaíinha de Todos os Santos.

Esta Ladaíinha é particularmente impressionante pela profundidade do apelo a Deus, de procissão de fé e pela invocação de auxílio dos santos (Todos os Santos).

Começa:

Kirie, eleison — Senhor tende piedade de nós

Cristi, audi nos — Jesus Cristo ouvi-nos
Cristi, exaudi nos — Jesus Cristo atendei-nos

Depois de rogos a Deus Pai, a Deus Filho e a Deus Espírito Santo, para ter piedade de nós, bem como à Trindade Santíssima, solicita-se a Maria, a uma lista enorme de santos que roguem por nós, para pedir depois a Deus que «nos seja propício, nos perdoe, nos ouça, nos livre de todo o mal, do pecado, da

sua ira, da morte repentina, dos raios, da tempestade, da peste, da fome, da guerra, da morte eterna, etc.

Termina:

V — Ouvi Senhor a minha oração.

R — ET CLAMOR MEU AD TE, VENIAT — E o meu chamar chegue até Nós.

Chegado ao Bom Jesus, a procissão do Clamor andava à volta do Templo e, no final, entrava na igreja, onde os romeiros iam rezar ao Senhor Bom Jesus e cumprir as suas promessas, subindo depois ao camarim, para beijar a Sagrada Imagem.

Devia ser deveras impressionante esta procissão dos clamores!

CARLOS MARIZ

FUTEBOL

Dada a circunstância de os dirigentes do C.F. Fão tomarem conta do clube à última da hora, vão sentir maiores dificuldades para levarem o barco a bom porto. As primeiras prendem-se com o arranjo do novo plantel dado que a maioria dos atletas o ano passado já se tinham inscrito noutros clubes, preferindo o certo pelo incerto.

Temos que compreender estes jovens, pois hoje no futebol o bairrismo e o amor à terra estão ultrapassados pelas boas condições que lhes são apresentados por outros clubes. Estes jogadores, quando jogam pelo clube da sua terra, são considerados bons filhos do mesmo, mas quando debandam para novas paragens, são filhos da outra...

Os tempos mudaram, os jovens de hoje já não pensam da mesma maneira dos tempos das balizas às costas, na altura em que alguns (os que podiam) custeavam a compra do material desportivo que utilizavam. Temos que os compreender e respeitar, não alinhando com aqueles que os achincalham.

Do grupo dos que abalaram, 3 foram para o Apúlia e outros foram para o Marinhas, Esposende, Vila Chã, Antas e Forjães, um para cada um destes clubes. O responsável técnico que será o mesmo (Zé Manel) que muito nos agrada, terá de desenvolver um grande trabalho para conseguir uma equipa bem entrozada. Os esforçados Directores terão de desenvolver grandes esforços mas as coisas feitas em cima da hora são mais custosas.

Para já apelamos para a compreensão e ajuda de todos os fangueiros, dadas as dificuldades entretanto surgidas. Lembramos que, pelo menos nos primeiros tempos poderão surgir contratemplos inerente ao futebol e que estão ligados à época em que se começou a trabalhar. Os novos dirigentes são:

Direcção: Belmiro Gonçalves, Amílcar Cardoso, Francisco Gaifem, Sílvio Fernandes, Artur Hipólito, Domingos Ferreira, Carmen Pedras da Silva, Feliz Brandão Ferreira, Eugénio do Vale, Jorge Boelho do Vale.

C. Fiscal: Adelino Saraiva, Marinho Matos do Vale e Oscar Viana.

Assembleia Geral: Dr. Armando Saraiva, António Viana e João Pedras.

— Mercê de ajuda da Câmara, foi melhorado o piso do campo de futebol, substituiu-se a canalização de água e melhorou-se a iluminação.

QUANDO AS PEDRAS FALAM

«Este ano vou para Fão».

Bailava-me no pensamento esta decisão, por entre o apinhado dos forasteiros de todos os Agostos, acotovelando o meu cansaço e por minha ânsia de fuga.

São as minhas habituais mini-férias.

Férias em que procuro respirar outros ares, ver outras gentes, auscultar outros corações.

E era precisamente o coração de Fão, vivo numa saudade salgada e brumosa, que eu quisera sentir bater.

Nos meus ouvidos, a velhinha canção da «revista» — Oh! Fão antigo, torrãozinho sem igual..., o tempo, a distância, os meus já brancos cabelos, cantava...

Sim. Porque eu não sei quem a cantava (se eu, meus irmãos e amigos, quantos!) se era ela própria, feita gente, humana e humanizada, que emitia o doce refrão.

Era esta a minha homenagem sentimental, quando cheguei a Fão.

Há o Largo do meu encantamento. O velhinho Clube, agora mais democratizado e, aqui, pela vez primeira, democracia não significa progresso nem bem-estar.

Há o Cortinhal, postal ilustrado de um sonho onde só os patos são movimento, de tal forma a paisagem verde de uma ilha a descobrir, se queda ante meus olhos irresistivelmente única, bela até doer...

Não vi o «Ofir». Não estava na agenda nem no doirado escaninho dos meus sonhos azuis.

Ofir é «marketing» de litoral, unidade de um universo possível de ser visto por aí...

Fão é outra coisa. Fão tem alma que sente, coração que chora, paisagem bucólica, enevoada e triste, como todas as paisagens que são povo, mas povo muito grande e muito amigo. Visão subjectiva, dirão.

E que outra coisa será todo e qualquer bocado de prosa? Sempre que o autor escreve sobre algo, é sempre sobre si que escreve.

Deambulei por todos os chãos, por onde corri em criança e passei na juventude.

São os mesmos os atalhos, os quelhos, as travessas, baptizadas com nomes de fangueiros ilustres.

Passei devagar e comovidamente pela Travessa Poeta Vinhas dos Santos.

Que saudade! Que melancolia!

Sentei-me na cadeirinha branca (há muitos anos eram verdes) do Clube e li em diagonal, quantos jornais a simpática D. Filomena me vendeu.

Espreitei a Rua da Cruz com um soluço quase, quase a desabar em choro profundo...

Mas há a «Rita Fangueira» e a boa comida e suave acolhimento: o Senhor Lima, a D. Tininha, a Isabel, moça de muitos caminhos, a reflectir no autêntico e os olhos doces e lindos da Carla que tem os olhos iguaizinhos aos da minha neta Ana.

Não esquecerei nunca esta gente.

Mas, acima de tudo, o abraço dos meus, fugitivos no espaço que não no coração.

Comecemos pelo Titó: o doce, eterno tio de todas as infâncias. O Rui a quem a cabeça não matou o coração; o Rúben, possuidor das barbas mais meigas que já senti em meu rosto; a Zélia mãezinha, vigilante e ordenada e... a Zita a quem abracei na hora da despedida e me aparece no Largo pedalando a sua bicicleta, para desenhar a meus olhos uma visão guardada dum tempo lindo que passou.

A Zita é ela própria a imagem perene da juventude.

E há o Saraiva com o seu olhar de marinheiro, ao longe e ao largo, para se baixar sempre e sempre na sua Fão.

Férias de reconhecimento estas, que, na verdade, só eu poderei entender.

MARIA SALOMÉ

CASAMENTOS

No mosteiro do Bom Jesus de Fão celebraram esponsais os jovens Luzia Alexandra Calafate Leite, filha de Manuel de Sá Leite e de Hermínia Emília de Oliveira Calafate, com António José Pereira de Lima, filho de José Lopes Lima e de Albertina Pereira de Lima.

Aos noivos que foram de largada até Lisboa auguramos um futuro feliz.

Na Igreja da Senhora-a-Branca, em Braga, realizou-se, no dia 2 de Outubro, o casamento de Maria Manuela Gomes Moreira Fernandes Cerqueira, de Braga, filha de Vasco de Azevedo Fernandes Cerqueira e de Maria Cândida Ferreira Gomes Fernandes Cerqueira, com Ricardo Manuel Tomé Ferreira, filho de Aleixo Manuel Fortes Ferreira e de Maria de Lourdes Pereira Tomé.

Ao Ricardo e à Manela votos de perene felicidade.



PRENDA DE AGRADECIMENTO

O nosso amigo Adriano Nascimento casou há tempos como já demos notícia neste jornal.

A lua de mel foi passada na Madeira. O Hotel Casino, onde estiveram hospedados, tratou-os com toda a chaneza e requinte como é próprio do povo madeirense e é timbre daquela unidade hoteleira.

E o nosso conterrâneo ficou-lhes grato e procurou retribuir tanta gentileza. A melhor maneira de agradecer tão bom tratamento foi oferecer-lhes uma assinatura anual de «O Novo Fangueiro», o «nosso jornal» como Adriano Nascimento faz questão de dizer.

Gratos pela gentileza.

AGUARELA

*A nossa vida é uma aguarela,
Que nós vamos pintando lentamente...
Às vezes com modelos para a tela,
Ou sendo nós modelo unicamente.*

*Modelos há que a tornam mais singela,
Mas outros não; são feia e fraca gente.
Faz que a tua pintura seja bela,
Apresentável e também decente.*

*Os pecados são manchas e borrões,
Que a tua tela podem estragar,
Parecendo coberta de carvões.*

*As virtudes, retoques de cristal.
Retoca-a bem, a fim de a apresentar
Na grande Exposição Universal.*

DINIS DE VILARELHO

PÁGINA JOVEM

PAUSA PARA SORRIR

Olá, jovens! Mais um mês que passa, encurtando a distância que nos separa para o Natal! Para Novembro já temos as castanhas assadas; e, para já, com este mau tempo, até o estudo se torna mais agradável e ajuda a passar os dias. Aproveitem!

UM CASO DO QUOTIDIANO

Por (ANÓNIMO)

João sentiu amargamente esta separação, no entanto compreendeu que aquela mulher não mais a que ele amava, a sua Joaquina não existia mais.

Joana Rita tornou-se o alvo de todos os olhares e atenções.

Era esplêndida! Cativava todos os homens com a sua beleza. Joana não era mais aquela mulher simples, misteriosa; era agora exuberante e «sexi», não era mais aquela mulher que João amou, tornara-se uma mulher-espectáculo que todos desejavam.

E ela... ela, sentia-se como num altar, adorada e venerada como uma santa. Mas os seus objectivos ainda não tinham sido todos conseguidos. A razão de toda aquela mudança era conquistar o Rui. O Rui... aquele bonitão, que namorou tudo quanto era garota bonita, e, como Joana Rita era agora uma garota bonita, despertou também a atenção de Rui..

Assim começa uma paixão avassaladora, que ultrapassa o sonho de Joana.

Com o passar do tempo Joana foi-se apercebendo de que tudo fora uma ilusão, e que, para o Rui, ela foi tão importante como ter um carro novo de modelo desportivo. Era bonita para passear, mostrar aos amigos e dar umas voltas. Isto chocou-a profundamente, sentiu-se humilhada, usada e traída, situação esta que ela própria criara e da qual foi vítima.

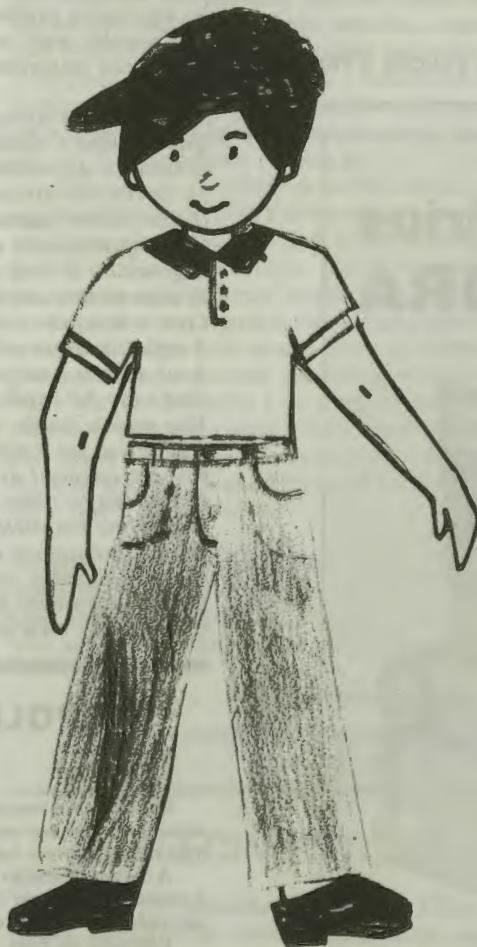
Durante alguns meses ninguém mais viu Joana Rita. Fora trabalhar para uma cidade do interior, num gabinete de construção civil. Longe da sua terra e de tudo que a fizera sofrer, amar, rir, chorar, longe de tudo e de todos. Sentia-se só, mas nessa solidão reencontrou a verdadeira Joana Rita. Aos poucos os seus artificialismos iam desaparecendo, levando consigo todas as paixões e loucuras da juventude. Sentia uma enorme necessidade de voltar à sua terra natal.

(continua)

REFLEXÃO SUPERFICIAL

*Encontrámo-nos,
Na inserção de
De duas vidas,
Outrora independentes
E livres.
E acreditámos
Na eternidade
Desse encontro efêmero.
Mas tudo passou depressa.
E as vidas voltaram
A ser o que eram antes,
Mas agora carregando
O enorme peso
Da recordação.*

Marta Mariz Mendes (17 anos).



Desenho de MARÍLIA

Um sujeito vai ao veterinário para que este lhe corte a cauda a um seu cãozinho de estimação.

O veterinário, que acha o cão exactamente com a cauda como tem, tenta influenciar o cliente:

— Porque é que o senhor quer cortar a cauda ao animal? Ele é lindo assim!

Resposta pronta do cliente:

— É que a minha sogra vai passar uma temporada lá em casa, e eu não quero que ela veja nem o mínimo sinal de simpatia...

★

Um grande avarento estava estabelecido há quase cinquenta anos. Nas vésperas de comemorar essa data, aconselhou-se com um amigo sobre a maneira de festejar o acontecimento sem gastar dinheiro, mas de modo a vir nos jornais e de os seus empregados ficarem contentes.

Resposta do amigo:

— É fácil: enforcas-te no candeeiro da entrada. Os jornais vão com certeza dar a notícia em grande títulos, os teus empregados ficam contentes e tu não gastas nem um escudo!..

ABANDONO

*«Se um dia me deixares
Eu morrerei»*

*Dizias, apertando-me
Com força*

De encontro ao coração.


*Hoje, passas ao meu
Lado e em ti não
Vejo*

O mais leve sinal de emoção.

*Tu estás vivo, mas
Eu, vou morrendo.*

*E o coração
Vou perdendo, aos poucos,
Pelo chão.*

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

«FRADIQUE & VALE, LDA.»

«Conservatória do Registo Comercial de ESPOSENDE — N.º de matrícula 00542 — N.º de identificação de pessoa colectiva 503 014 915 — N.º de inscrição 00001 — N.º e data da apresentação 12 - 93/06/04

MÁRIO NEIVA LOSA, 1.º Ajudante, CERTIFICA que entre CELESTINO FRADIQUE ALVES, solteiro, maior, residente na Rua Artur Sobral, 21, B, Fão, Esposende e MARIA DE FÁTIMA ALVES DO VALE PAIVA, casada com José Maria Domingos Paiva, na comunhão geral, residentes na Rua Capitão Larcher, dita freguesia de Fão, foi constituída a sociedade em epígrafe que se rege pelo seguinte contrato:

PRIMEIRO:

- 1 — A sociedade adopta a firma «FRADIQUE & VALE, LDA.»;
- 2 — A sua sede é na Avenida do Rio, da freguesia de Fão, do concelho de Esposende.

SEGUNDO:

A sociedade tem por objecto a Indústria Hoteleira, nomeadamente cafés, bares e similares.

TERCEIRO:

O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de MIL E DUZENTOS CONTOS, e corresponde à soma de duas quotas iguais de SEISCENTOS CONTOS, pertencendo uma a cada um dos sócios.

QUARTO:

A gerência da sociedade dispensada de caução e remu-

nerada ou não, conforme for deliberado em Assembleia Geral pertence ao sócio CELESTINO FRADIQUE ALVES, que desde já fica nomeado gerente, sendo suficiente a sua assinatura para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e representá-la em juízo e fora dele, activa e passivamente.

PARÁGRAFO ÚNICO: — Nos poderes de gerência estão incluídos os de comprar, vender, permutar ou alugar veículos automóveis e quaisquer outros bens móveis.

QUINTO:

A cessão de quotas a não sócios carece de prévio consentimento da sociedade e dos sócios não cedentes que por esta mesma ordem, terão direito de preferência.

SEXTO:

Os lucros líquidos disponíveis apurados em cada balanço, serão ou não distribuídos, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

NUMERADAS DE FOLHAS UMA A DUAS.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 29 de Setembro de 1993.

O 1.º Ajudante,

a) MÁRIO NEIVA LOSA

AO CREPÚSCULO

*Dias quentes outonais
Que á poesia convidais!...
Ao campo amadurecido
— É da alma apeteçido,
Ou à praia solitária:
As digressões preferidas
Das mentes mais carecidas
de belezas naturais!...*

*Nessa fofinha almofada
Que a todos é solidária,
Estava eu acomodada.
No horizonte distante
O meu olhar passeava,
Qual apaixonado amante!...
Regressava a casa o dia
E, docemente, acenava
Com o lençinho vermelho,
A reflectir nesse espelho
Azul do céu e salgado!
Nada me foi explicado:
Mas aquele balão rubro
Que adeus ao longe dizia
No mês outonal de Outubro
E prendia os olhos meus,
Punha-me em melancolia!...
Sentia que aquele adeus
Não se despedia, não,
Um chamamento fazia:
Chamava o meu coração!*

*Foi quando caí em mim.
Quem mais dava amor assim?!...
Essa bola luminosa,
Côr do fogo a crepitar,
P'ra com todos generosa,
Dia a dia... todo o ano,
E a beijar o mar salgado
Tem grande significado:
— Mensagem universal
De solidariedade!...
Era o braseiro humano,
Era o braseiro do amor,
Que desperta, meigamente,
Com seus sorrisos dourados,
P'ra seus sorrisos dourados,
P'ra depois iluminar,
Aquecer e fecundar,
Todo este nosso universo:
Toda a vida e toda a gente,
Com beijos rubros de fogo!...*

*Sem que mais nada dissesse,
O lençinho encarnado
Levava, pelo mar fora,
O meu coração, agora
Do seu calor inflamado
E sem que eu o detivesse!*

FLORINDA ALMEIDA

LEOPOLDINA MARTINS GOMES

AGRADECIMENTO

Seus filhos e restante família agradecem muito penhoradamente a todas as pessoas que por ocasião do seu passamento, em 9 de Setembro de 1993, lhes manifestaram toda a sua solidariedade.

A mesma gratidão é também endereçada aos médicos, pessoal enfermeiro e pessoal auxiliar do Hospital de Fão pela dedicação e provas de carinho dispensadas ao seu ente querido.

Palmeira de Faro, 10 de Outubro de 1993.

A FAMÍLIA

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade.

Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA



O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
EMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

CANTINHO DO EMIGRANTE

CARTAS DE LONGE

Bruxelas, 31 de Agosto de 1993

E por falar em Fão!...

Terra minha, querida do meu coração; te entrego e te dedico estas minhas primeiras letras, nesta minha primeira crónica que daqui de longe te envio e das quais terás conhecimento através daquele que é o elo de ligação que nos une, o nosso querido jornal «O Novo Fangeiro». Será provavelmente de fácil reparo, a minha simples escrita aliada a erros de ortografia, provenientes duma quarta classe que honradamente os meus pais me forneceram, o que, (com a devida autorização e interesse dos responsáveis do jornal) não será motivo de impedimento de frequentemente vos transmitir algo, de trocarmos impressões, de não esquecer Fão, de expandir as minhas ideias, os meus objectivos que se baseiam fundamentalmente e através deste nosso jornal, numa tentativa de um maior conhecimento da nossa terra, passado presente e futuro, suas gentes, suas tradições, suas riquezas, assim como duma possível aproximação de todos os fangeiros residentes em Fão, para com os seus conterrâneos espalhados pelo mundo, e muito em particular para que estes se liguem mais à sua terra e esta a eles, e também uns com os outros independentemente do ponto do globo onde se encontrem. Será possível, através deste nosso jornal, trocarmos correspondência, conhecermo-nos melhor, talvez quem sabe? descobriremos, nalgum recanto do mundo, alguém que há muitos anos não vimos, ou até que nem conhecemos pessoalmente, despertar nos seus corações o interesse e o amor pela nossa querida terra, de quem, com o decorrer dos tempos se foi afastando (que me perdoem se estou a exagerar) e até, quem sabe?, ajudarmos algum fangeiro(a) que se encontre em dificuldades a regressar à sua terra natal, do que terá já perdido as esperanças. Para que tudo isto seja possível, e com a respectiva autorização, proponho que (se assim o entenderem os responsáveis) seja criado dentro do jornal **O Novo Fangeiro, O Cantinho do Emigrante**, onde serão inseridas as nossas «**Cartas de Longe**», com as crónicas, versos, poemas, etc., por mim enviadas, assim como também a troca de correspondência entre Bruxelas Fão, Fão Bruxelas, Bruxelas resto do Mundo, de todo o mundo para Fão e vice versa que é na finalidade um dos meus objectivos. Falta ainda nesta minha primeira crónica falar de mim, das minhas origens, afinal identificar-me. Sou Luis Manuel Fonseca da Silva, casado, pai de dois filhos com 16 e 18 anos. Com muito gosto sou natural de Fão onde nasci em 21 de Outubro de 1953, na Rua do Ramalhão n.º 8. Tenho origem nas famílias das «Tutas» e dos «Coxinhas» às quais me honro se pertencer, sendo minha mãe a Senhora D. Zaida Cardoso da Fonseca e meu pai o senhor Joaquim Moraes da Silva (o Quim Polícia). Residi em Fão até aos 9 anos de idade onde frequentei a instrução primária na Escola Amorim Campos tendo lá completado a 3.ª classe com o saudoso Senhor Professor Pio Rodrigues. Por motivos profissionais do meu pai, parti para Lisboa onde fiz a 4.ª classe, tendo completado os 10 anos uns dias depois de lá ter chegado. Parti para novas aventuras que me levaram inclusivamente a trabalhar em países como o Irão e a Líbia, aqui numa plata-

forma de petróleo, em pleno oceano, sendo uma experiência muito importante para mim. Fixei depois residência aqui em Bruxelas, na Bélgica, para onde emigrei com a minha família, com o objectivo de procurar atingir uma maior e melhor estabilidade geral. Nesta cidade, onde existem vários núcleos portugueses, procuro, através dos meios disponíveis, de muita luta, e de muito sacrifício, manter vivas algumas tradições do nosso querido Portugal, tais como a imagem do nosso querido folclore, neste caso representado por um grupo de crianças e jovens, os quais compõem um dos Ranchos Folclóricos Portugueses existentes na Bélgica de cujo elenco directivo faço parte assim como a minha filha que também participa nas respectivas danças. Tem este grupo o nome de «Rancho Folclórico Raízes de Portugal». Sim, é isso mesmo. Essas crianças, esses jovens são as raízes que despontam e que levarão por diante aquilo que lhes ensinarmos. Uni-los e afastá-los de maus vícios e maus caminhos é um dos objectivos a que nos propomos. Este rancho tem tido várias participações ao longo do ano, em festas, convívios, festivais, etc, dentro e fora da Bélgica com a finalidade de não deixar esquecer aos mais velhos e ensinar aos mais novos a cultura, o folclore e as tradições portuguesas que em todo o mundo são ímpares. Sempre que posso, vou à minha terra, ao meu Fão, como o fiz neste ano, mas, tal como no ano passado, também neste só me foi possível estar durante três dias, o que não é suficiente. Rolar na estrada e encontrar uma placa com o nome de Fão, é sensibilizante passar lá nem que sejam umas horas. Deixamos mais aconchegados, embora partir tão rápido nos despedace o coração.

Ultimamente o recheio da família desta casa foi enriquecido com a presença dos meus pais com a finalidade de, após tantos anos de trabalho no nosso Portugal, conhecerem algo mais de outras terras, outras tradições, e também viverem algum tempo (o que quizerem) em comum com os seus entes queridos, pelo menos que possam periodicamente rever e abraçar a família e os amigos, pisar as pedras já pisadas, visitar e frequentar os locais desde sempre obrigatórios; porque é meu lema de que tudo o que é Portugal é bom, tudo o que é Fão é melhor.

Fangeiros que estais em Fão
Amai Fão como era dantes
Que ele está no coração
Dos seus filhos emigrantes

Um bom fangeiro

FONSECA DA SILVA DE FÃO

FALECIMENTO

No mês de Setembro faleceu em Fão o nosso conterrâneo Armandino Moraes de Araújo (Regina).

Aos seus familiares apresentamos os nossos pêsames.

DESGARRADAS

O nosso amigo Miquelino é dos que teima. Por certo a sua insistência tem sido guião na vida. É dos que insiste. Não desanima. Nós também não. Mandou-nos outro soneto. Ei-lo:

*Ó rio de águas mansas, a luzir,
Outrora cristalinas e serenas
Agora conspurcadas, mas amenas
Que uns tantos 'inda teimam poluir!*

*Ó velho e belo burgo, Águas Celenas
A quem Rei Salomão doou Ofir,
Alegra, ó Fão Antigo, o meu sentir
Não deixes alongar as minbas penas...*

*Pois quando leio o teu «NOVO FANGUEIRO»
Invade-me a tristeza, sinto raiva
E fico mal disposto o mês inteiro!*

*Que prosa apenas faça quem o saiba
«Que não toque rabeça o sapateiro»
Não queira ser Camões quem á Saraiva!*

Lisboa, Set'93

★

Água vai:

*Tem graça o aviso que m'é dado
Por quem apenas lida com cifrões.
Afinal que sabes tu sobre Camões?
Que tinha um olho são e o outro vazado?*

*D'acordo, essa do olho é bem verdade
E também que era poeta de mão cheia.
Penso que tu nem c'uma candeia
Lobrigarás ver sua qualidade.*

*Os meus versos não são para entender
Por quem se julga de gosto mui fino
E que ao cabo não os soube ler.*

*Do que me dizes eu nada atino
Mas uma coisa te posso dizer:
Não seja crítico quem é Miquelino.*

RIO TINTO EM FESTA

Com a presença do Ministro Adjunto dr. Marques Mendes, do Governador Civil dr. Ribeiro da Silva, do Presidente Alberto Figueiredo e muito público foram inaugurados em Rio Tinto um Centro Cívico e a nova Estação de tratamento do Marachão. Usaram da palavra o Presidente da Junta de Rio Tinto sr. Machado, que agradeceu à Câmara, ao Governo e à sr.ª D. Maria Emília Figueiredo todos os esforços desenvolvidos para que Rio Tinto fosse contemplado com tão belo edifício. Alberto Figueiredo lembrou que a Câmara, quando atribuiu benefícios, não olha à cor das Juntas mas tão só à necessidade das populações. O dr. Luís Marques Mendes felicitou o povo de Rio Tinto, uma freguesia pequena mas dinâmica e mais uma vez destacou o dinamismo da actual Câmara de Esposende que atempadamente e sempre com persistência apresenta projectos bem elaborados ao Governo que merecem deste a melhor aceitação.

A estação de tratamento custou 250.000 contos e abastece todo o concelho.

DE APÚLIA

NOVAMENTE À E.D.P. — É natural que os responsáveis pela EDP do concelho de Esposende não tenham lido a chamada de atenção que aqui deixamos há meses sobre os postes de electricidade, que continuam de pé em dois ou três locais identificados, em plena via pública, desta vila. É provável que lhes falte paciência ou tempo para esse exercício mental, ou, em última análise, que não tenham tido disponibilidade de tempo e de trabalhadores para fazer esse serviço.

Por uma coisa ou outra, pelas duas, ou porque estão nas «tintas» para os direitos dos cidadãos que até pagam impostos de circulação, a situação mantém-se assim, inestética e perigosa, há muitos meses. Até quando? — Até que um carro se desfaça de encontro a um deles e se desfaça também?...

A EDP, que nos informam da Junta de Freguesia local, já foi alertada oficialmente para esses factos, está a assumir uma grande responsabilidade perante a freguesia e os seus habitantes.

Qualquer acidente que se venha a verificar é da sua responsabilidade.

E sabe-se, como hoje em dia, as pessoas fazem valer os seus direitos mesmo contra os grandes potentados económicos.

ESPORÃO DAS PEDRINHAS — Aquilo que fora prometido, destruição de 100 metros do Esporão das «Pedrinhas», está quase concluído.

Se vai ou não resultar só o tempo o dirá. Certo, certo, é que a zona das «Pedrinhas», e não só a praia, nunca mais voltará a ser o que era, antes da construção dessa grande obra de «engenharia»!...

Num tempo em que tanto se fala e critica agressões ecológicas, que vão acontecendo por todo lado, e de diversas formas, Apúlia pode considerar-se, nesse pormenor, uma das terras mais marcadamente martirizadas. Diz-se que não se deve chorar sobre leite derramado. Pois não. Mas quando esse «leite derramado», para além do prejuízo em si põe em risco o futuro de toda uma terra que sempre viveu do mar e para o mar, das suas praias e com as suas praias, então quem pode impedir as lágrimas?...

E o caso das «Pedrinhas», e também o de «Cedovem», mesmo com todos os remendos que venham a fazer-se, são mesmo para chorar...

FONTE LUMINOSA — Já se encontra a funcionar, atirando água para o ar por cinco bicos, a fonte luminosa do Largo da Senhora da Guia, embora, e faça por agora, a meio «gaz».

Há quem diga que a mesma não está bem enquadrada, e que de qualquer forma, de uma maneira ou de outra, sempre estaria ali a mais por falta de espaço. São opiniões que se respeitam.

Quem escreve estas notas tem opinião diferente. A «Fonte Luminosa» não só está bem enquadrada, como também está no local adequado, no sítio certo.

Esperem pelo próximo Verão... e verão. Porque o que lhe falta para a enquadrar no espaço e na paisagem, são os dias grandes e o sol luminoso e quente.

OBRAS — Estão a chegar ao fim todas as obras das ruas, resultantes da instalação da conduta de saneamento, que, como se sabe, «mexeu» com Apúlia, do Cemitério à Praia, e da Colónia de Férias do Padre David às «Pedrinhas».

Apenas falta o calcetamento ou o tapete de betuminoso nas ruas do Facho, da Casa do Povo, e em parte da Avenida da Colónia.

É um ciclo que está a chegar ao fim de obras importantíssimas para o futuro de uma terra que sempre tem vivido de mãos dadas com o turismo.

Outros ciclos de obras virão, certamente, porque muita coisa há ainda por fazer.

FUTEBOL — Campo dos Sargaceiros, domingo, 3 de Outubro. Apúlia, 1 - Forjães, 2. Um mau resultado e um mau jogo. O Apúlia, que dizem jogou desfalcado de 3 jogadores chave nos seus sectores, não pode apresentar esse caso como atenuante, porque jogou efectivamente muito mal, e o Forjães foi, de facto, a melhor equipa. É possível que a arbitragem, com dualidade de critérios sempre em prejuízo do Apúlia tenha influido no resultado, quando perdeu 3 grandes penalidades (indiscutíveis) ao Forjães, mas isso não invalida a justiça do vencedor.

Enfim, um jogo mau, que não dará para esquecer os bons resultados obtidos até aqui.

CIVISMO — As bermas das estradas e caminhos de acesso ao campo de futebol (e também outros) continuam a ser lixeiras preferidas de uns tantos, para quem o meio ambiente e a saúde e sensibilidade do semelhante pouco ou nada conta.

Pela natureza de parte desse lixo, não seria difícil chegar a quem lá o deixou. Afinal, para que existem os contentores espalhados pela terra? Para ocupar espaço? Não está certo. Nos tempos que correm, a educação dos outros devia servir para ajudar à nossa educação. Pelos vistos não serve. Continuamos a usar os mesmos métodos de que se serviram os nossos pais, mas esses, sem as condições que agora nos são facultadas.

Atropela-se o semelhante nos seus direitos e na sua sensibilidade, e continua-se de consciência tranquila?...

O pior é o conceito que ficam a fazer de nós, uma terra que é vila e que tem pretensões mais altas, os que nos visitam ou por cá passam.

ÓBITOS — No dia 18 do pretérito mês de Setembro, faleceu no Lugar da Areia, a Senhora D. MAXIMINA CORREIA DA FONTE, solteira, nas cida em 17 de Abril de 1933, filha de Francisco Fernandes da Fonte e de Gracinda Alves Correia.

— No lugar de Criad, e depois de prolongado e doloroso sofrimento, faleceu no dia 21 do mesmo mês, a Senhora D. MARIA DA CRUZ GONÇALVES ROLO, viúva de Adelino Faria Gonçalves Moreira.

A extinta, nascida em 2 de Fevereiro de 1929, era filha de José Gonçalves Rolo e de Maria Gonçalves da Cruz.

— Ainda no mês de Setembro, e vítima igualmente de doença que não perdoa, faleceu no Lugar da Areia, a Senhora D. ADELINA DAS DORES MANDIM FERNANDES, natural de Vinhais, onde nascera em 4 de Março de 1950.

A inditosa Senhora, que era casada com Francisco Xavier Fernandes, e filha de José Luís Mandim e Maria das Dores Lobo, deixa 3 filhos de tenra idade, e foi a sepultar na sua terra natal.

Para todos os familiares enlutados, aqui deixamos o nosso cartão de pesar.

CANTINHO DO ADVOGADO

ALTERAÇÕES AO REGIME DO ARRENDAMENTO URBANO

Um leitor, que teve conhecimento de terem sido recentemente alteradas as normas do arrendamento urbano, pretende saber qual o alcance das modificações que bajam sido feitas.

O Governo, através do Decreto-Lei n.º 278/93, de 10 de Agosto, veio alterar o Regime do Arrendamento Urbano vigente.

Essas alterações traduzem-se, essencialmente, na introdução de três importantes modificações, sendo a primeira delas aplicável apenas e só a contratos de arrendamentos futuros, isto é, celebrados após a entrada em vigor da nova lei e as outras duas também aos arrendamentos já constituídos.

Vejamos então, ainda que de forma sumária, em que consistem tais alterações.

1. Até agora, uma vez celebrado o contrato de arrendamento, a renda estipulada apenas poderia ser alterada em duas situações: de acordo com os coeficientes anualmente fixados pelo Governo e em caso de obras de conservação extraordinária ou de beneficiação realizadas pelo senhorio.

Com a nova lei, é consagrada a possibilidade de, nos arrendamentos com um prazo superior a oito anos, senhorio e inquilino, no próprio contrato ou em documento posterior, convencionarem livremente uma forma diferente de actualização das rendas — actualização esta que, assim, não ficará sujeita àqueles coeficientes.

Como se disse, no entanto, este mecanismo apenas se destina a contratos novos.

Outra das soluções ora consagrada consiste numa alternativa à transmissão do arrendamento para descendentes ou ascendentes.

Já tivemos ocasião de dizer, neste jornal, que em caso de falecimento do arrendatário, poderia o arrendamento ser livremente transmitido, nomeadamente aos filhos.

A partir de agora, se a pessoa com direito, à continuação do arrendamento for um descendente com mais de 26 e menos de 65 anos, um ascendente com menos de 65 anos ou um afim na linha recta (sogro ou sogra) nas mesmas condições, poderá o senhorio pôr termo ao arrendamento mediante o pagamento de uma indemnização correspondente a dez anos de renda.

Não obstante e para acautelar os legítimos direitos dos beneficiários da transmissão, permite-se que estes se possam opor a essa pretensão do senhorio, oferecendo-lhe uma nova renda.

Neste caso, se o senhorio não aceitar o novo montante da renda, a indemnização aos inquilinos terá por base esse valor.

3. Por último, consagra-se a possibilidade de o senhorio aumentar o valor da renda quando o inquilino dispuser de outra habitação.

Assim, se o arrendatário tiver uma segunda residência ou for proprietário de um imóvel na mesma comarca em que reside, ou, residindo na área metropolitana de Lisboa ou do Porto, tiver outra residência ou for proprietário de um imóvel na respectiva área metropolitana, tem o senhorio direito de aumentar a renda, até ao que seria o seu valor máximo no regime de renda condicionada.

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DE FÃO

«Carta de Augusto Moreira Pinto, Sub-Delegado de Saúde do Concelho de Esposende, remetida à Junta de Paróquia de Fão, em resposta a um ofício, a 24 de Setembro de 1896».

(I) «Ex.mo Sr. Presidente da Junta de Paróquia de Fão».

«Respondendo ao ofício da Ex.ma Junta a que V. Ex.ª muito dignamente preside, em que me consulta, como facultativo municipal e Sub-Delegado de Saúde d'este Concelho de Esposende, sobre a conveniencia de se vedarem ao publico alguns predios de Antonio Gonçalves Turra e outros, cumpre-me responder o seguinte:

Já em 1885 quando o Governo de S. Magestade ordenou que se tomassem medidas preventivas para cllocar esta freguesia em condições de melhor resistir à invasão do *choleta morbus*, então em Hespanha, uma das medidas adoptadas pela *Junta Concelhia De Saúde*, foi vedar ao publico muitos bécos considerados, com justissima causa, verdadeiros focos de infecção, sendo um dos que mais impressionou desagradavelmente aquella collectividade, o da Pedra alta; triplicente prejudicial à huiene publica por ser uma montureira immunda; á moral por ser um local quasi destinado a scenas pouco edificantes e á segurança publica por ser um esconderijo onde, facilmente qualquer mal intencionado poderá sem ser descoberto offender o pacifico traseunte.

A illustrada Camara de então mandou fechar com portas o referido bécço; porem, a acção do tempo e o espirito pouco conservador que caracteriza em geral o nosso povo, deu logar a que o mencionado bécço voltasse a ser o que já foi, com a agravante de ser repugnamento e como tal perigoso á saúde publica.

foi isto Ex.mo Sr. o que se passou em em 1885 e é o que sucede actualmente. Pela mi-

na parte e no desempenho do cargo official de que estou investido, muito prazer tenho em fornecer á Ex.ª Junta qualquer esclarecimento de que precise no campo da huiene publica, e só me resta felicital-a pelo cuidado que lhe merece de tão alta ponderação posto para muita gente que nada vallem».

NOTA: (I) Retranscrição.

«Deus guarde V.ª Ex.ª»

Fã, 24 de Setembro de 1896.

«O Sub-Delegado de saúde,
Augusto Moreira Pinto».

J.M.M.V. - 12/06/933

Ó MEU FÃO DAS PRAIAS BELAS

CASANOVA

Ofir, Bonança, Pedrinhas
De ruas apertadinhas
E de estreitinhas vielas
Dos famosos pastéis de Fão
Dos folhadinhos da RitaE das
faladas revistas
Que ficaram na história
Fão das serenatas ao luar
Com cantatas de encantar
Das Pedras da Tia Leonora
Fão de povo irreverente
E do dito insolente
Que deita os papéis ao chão
E no rio lixo deita
Fão do Senhor de Fão
Que para a festa se enfeita
Ó meu Fão da beira-rio
E as gaivotas com seu pio
Nos seus vóos de razar
E os patos a grasnar
Em alegre sinfonia
Fazem do rio poesia
Fão dos verdes pinhais
E das alminhas do Cais
E o cantinho do dizer mal
Lá no lindo Cortinhal
Da Alameda do Bom Jesus
Fão da Rua da Cruz
Dos labirintos da Areosa
E de gente laboriosa

Vizinha de Esposende és
Que não te deixa crescer
Mas tem o rio a teus pés
Que não te deixa desaparecer
Sem o rio a dividir
Já nem era em Fão Ofir
Fão das casas fechadas; vai ver
Escondidas nos pinhais
É assim que Esposende quer
P'ra não poderes evoluir mais
Terra de gente invejosa
Se te vêm progredir
Mas a gente mais bondosa
P'ra na miséria acudir
Fão de gente fadista
Que pela música tem paixão
Gente entusiasta bairrista
É assim a terra de Fão.
Fão das noites de verão
Pelas ruas a cantar
Com guitarra e violão
Se fazem acompanhar
Música no coração tem
Povo mais alegre não há.
Gente que de fora vem
Não quer mais sair de cá
Simpática para o turista
E p'rá gente que a visita
Tens defeitos acredita
Mas p'ra mim, a mais bonita.

A CDU MOSTRA-SE

Realizou-se na passada sexta-feira, dia 17, em Esposende, uma Sessão Pública onde foram apresentados os cabeças de lista às Câmara e Assembleia Municipais de Esposende.

Algumas dezenas de pessoas assistiram a esta Sessão que contou com a presença de Luis Sá, membro da Comissão Política do PCP.

Manuel Fernando Morgado Carvoeiro, 29 anos; professor do Ensino Básico, possui o Diploma de estudos superiores especializados em Administração Educacional pela Universidade do Minho; frequenta a faculdade de Direito da universidade de Coimbra; é o cabeça de lista da CDU à Câmara Municipal de Esposende.

Dr. José Cândido Vinhas Novais, 66 anos; licenciado em Ciências Matemáticas, professor do Ensino Básico (aposentado). Militou, desde a juventude, nos movimentos de oposição ao regime fascista. É o cabeça de lista da CDU à Assembleia Municipal de Esposende.

Na sua intervenção, Manuel Carvoeiro afirmou: «nos tempos que passam o quadro que percebemos permite afirmar que a gestão PSD não cumpriu as promessas que havia formulado, revelando, ao longo do mandato, incapacidade para a resolução dos grandes problemas que, no decorrer dos anos, têm dificultado o quotidiano vivencial das gentes desta terra».

Tendo em seguida denunciado a parca cobertura da rede de saneamento básico, abastecimento domiciliário de água, a degradação da prestação dos cuidados mínimos de saúde — com a agravante dos serviços de urgência do Centro de Saúde estarem a funcionar numa antiga garagem de automóveis — a falta de um quadro integrado de políticas educativas a nível local. Referiu ainda que, Esposende aparece inserido no grupo dos piores Concelhos em termos de abandono escolar; na cultura verifica-se a inexistência de uma verdadeira política concelhia.

Falou da política desastrosa, seguida pelo PSD que tem permitido dizimar as belezas deste concelho, nomeadamente o Rio Cávado, o Rio Neiva, o Ribeiro do Peralto, a destruição das dunas, os lixos nos Pinhais, a descarga de resíduos provenientes das tinturarias.

Muitos dos problemas citados — disse — têm sido por nós denunciados. Ao contrário da linguagem pseudo-democrática do PSD local, a CDU é uma força que, hoje como ontem, intervem com propostas concretas.

PELOS ROTÁRIOS

No Hotel Nélia, no passado dia 8, os rotários de Esposende tiveram a visita do seu Governador, dr. Madureira Pires que por sinal é da Póvoa de Varzim.

No próximo número daremos notícia mais desenvolvida.

FÃO DE ANTIGAMENTE

Cá temos uma fotografia que tem os seus quarenta e tantos anos. De pé: Solinho, Fernando Nascimento, Fernando Moura, Eurico, Sousa Martins, Rui Leal e Sebastião Didier e um putto que era sobrinho da viúva (lembra-se?).

Em baixo: Lourival, Albino Campos, Armando Lobo (Braga), Umberto Didier, Zé Emílio e Manuel Gordo.



CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

O tempo é de facto o nosso maior inimigo, pois sem dó, em piedade vai marcando dia a dia, hora a hora, na nossa vida os sinais da sua garra.

Nós, envolvidos nos nossos sonhos e nos nossos projectos, desejamos muitas vezes que o tempo corra velozmente para os ver realizados.

Quando eles se concretizam, saltamos para novos sonhos e novas esperanças, sem nos apercebermos que o que vai ficando para trás não se pode viver outra vez, nem recuperar o tempo desperdiçado.

Os sonhos da juventude, vividos muitas

vezes despreocupadamente, sem nos apercebermos que a mocidade é curta, desaparecem quando a realidade nos bate à porta e esta não corresponde ao sonho.

fica então em nós uma brecha ou uma insatisfação nostálgica que se traduz numa saudade daquele tempo de sonho.

O homem, desde menino que vive na esperança de alcançar ou realizar alguma coisa. É essa esperança, que o faz viver, sonhar e muitas vezes lutar.

E o tempo lá vai marcando o seu compasso.

Para uns, a corrida atrás do sonho; para

outros a posse e a plenitude da vida, mas para muitos a desilusão e a saudade.

No entanto, para estes, fica a experiência adquirida com os desenganos, as lutas e também algumas vitórias.

Para traz, ficou o esforço da luta; para a frente a ponderação e a meditação.

Há sempre, em todas as circunstâncias a sensação de que o tempo foge e já não há oportunidade de realizar todos os sonhos arquitectados.

Há no entanto, um momento na vida de todo o ser humano em que o tempo começa a ser um factor muito importante.

Daí em diante, começa-se a empregar todos os momentos e a vivê-los sabiamente.

Os projectos são mais concisos e as fantasias dão lugar às realidades.

Na verdade, só quando se atinge uma certa idade é que nos arrependemos de não ter feito tanta coisa que esteve ao nosso alcance.

Esta mensagem dirigida aos jovens, deveria acertá-los sobre as possibilidades que as gerações passadas não tiveram e que estão ao alcance da juventude de hoje.

É pena ver tanto jovem, sem nada fazer. Deambulando de um lado para o outro, sem uma definição na vida.

não estudam, não trabalham, vivendo muitos à custa da família e outros de dependentes.

Não percam a nossa mocidade. Que ela possa ser na vida de cada homem uma bela recordação e os alicerces firmes na vida de cada um.

A vida é como a natureza.

Também esta semeia na Primavera para colher os frutos no Outono. No Verão é o tempo árduo, tanto na vida do homem, como na terra.

Na vida do homem como na vida das vilas e cidades, o tempo não perdoo; em tudo e em todos a sua passagem deixa sempre vestígios. Devemos ter a precaução de evitar os seus desgastes.

No homem, há a sensação que nós nunca somos atingidos pelo desgaste do dia a dia. Não nos apercebemos que as forças vão enfraquecendo, o nosso «computador cerebral já não regista tudo com tanta precisão e que até as nossas emoções se vão modificando.

Puro engano. Somos as eternas vítimas desse implacável relógio que tudo regista sem compaixão.

O ambiente em que vivemos vai-se alterando de tal maneira que até os próprios monumentos se vão desgastando, vítimas do tempo e também do próprio homem.

há que pensar atentamente em combater todos esses efeitos negativos.

No homem preservar a saúde e pensar em hábitos simples e saudáveis.

Abolir o cigarro, o alcool em excesso, os ambientes deprimentes etc. etc.

Proceder assim é combater o tempo, no que ele tem de destruidor.

Só Deus é eterno. Só Ele permanece sempre igual.

Diz o seu Evangelho que Ele permanece para sempre. Igual a ontem, a hoje e eternamente.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

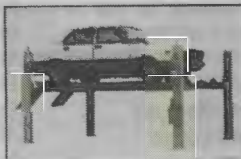
ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



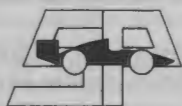
LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:



REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 80 91 018 - 80 63 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7567206



stand porta

J. SÁ PEREIRA



COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS
NOVOS E SEMI-NOVOS (C/ GARANTIA)

QUALIDADE · PREÇO · CORTESIA · PRESTÍGIO

R. JOAQUIM ANTÓNIO AGUIAR, 87-95 — TELEFS.: 567465-5104988
FAX 567465 — PORTO

PIZZERIA — CREPERIA — GELATARIA

One Way

TAKE AWAY — ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO — ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE — TELEF. (053) 961566

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO FEIJOEIRO

(Continuado do número anterior)

Variedades rasteiras:

Nitrato de cálcio	150 kg
Superfosfato de cálcio, 18%	500 kg
Sulfato de potássio	300 kg

Variedades trepadoras:

Nitrato de cálcio	150 kg
Superfosfato de cálcio, 18%	600 kg
Sulfato de potássio	400 kg

Segundo o mesmo A. o nitrato deverá ser distribuído por três aplicações iguais: 5 kg na sementeira, 5 kg depois da germinação e 5 kg no momento de se proceder à amontoa.

DIAS ANTUNES recomenda para Portugal a seguinte aplicação escalonada, média:

À primeira cava:

Estrume	20 t/ha
Cinzas	800 kg/ha

Antes da segunda cava:

Sulfato de amónio (ou nitrato de sódio)	100 kg/ha
Superfosfato de cálcio, 18%	400 kg/ha
Sulfato de potássio	100 kg/ha

Por seu lado, GARDÉ e outros, para solos com riqueza média preconiza a seguinte fórmula:

Para a produção de vagem:

Sulfato de amónio	100 kg/ha
-------------------------	-----------

Superfosfato, a 18%	250 kg/ha
Cloreto de potássio	175 kg/ha

Para a produção de grão:

Sulfato de amónio	70 kg/ha
Superfosfato, a 18%	450 kg/ha
Cloreto de potássio	250 kg/ha

6. CULTURA

6.1. Lugar na rotação

Para a inclusão do feijoeiro numa rotação de culturas deve atender-se às características seguintes (segundo CERMEÑO):

- trata-se de um planta melhoradora;
- é de crescimento rápido;
- possui um sistema radicular relativamente fraco;
- suporta mal a concorrência das ervas daninhas;
- prefere solos bastante ricos;
- não deve ocupar áreas em que a cultura anterior tenha sido a ervilha, fava ou feijão; e
- necessita de pequena quantidade de mão-de-obra no decurso do crescimento, o que já não sucede por ocasião da colheita.

Embora estes aspectos assumam grande importância na cultura de áreas consideráveis — cultura extensiva com o objectivo da produção de grão — não devem ser ignorados também na planificação anual das hortas de tipo familiar.

com dimensões comparativamente bem menores.

Torna-se muito conveniente que, em qualquer rotação, o feijão seja antecedido por uma cultura estrumada. Evita-se, desse modo, a estrumação logo antes da sementeira do feijão, o que teria o inconveniente deste apresentar um abundante desenvolvimento vegetativo facto que resultaria no decréscimo da produção. Entre as culturas que podem preeder o feijão figuram a batata, o tomate ou o espargo, por exemplo.


O feijão anão pode ser cultivado, com óptimos resultados, como cultura intercalar. Em Portugal, o feijão rasteiro é frequentemente consociado com o milho. Por sua vez, o feijão de trepar pode ser intercalado com outras hortícolas de pequeno porte, como a alface, a cebola e o apoio. Estas duas últimas culturas apresentam a vantagem de poderem beneficiar com os tratamentos fitossanitários aplicados ao feijão.

Se o solo tiver considerável provimento de argila, a cultura do feijão pode ter lugar a seguir à de um cereal, convindo no entanto que a sementeira só seja realizada depois de o terreno se apresentar bem limpo do restolho.

O feijão é considerado como uma boa cultura para anteceder a do trigo.

A rotação mais desejável deve abranger cinco anos. Por razões fitossanitárias não é aconselhável que a cultura seja repetida na mesma área antes de terem decorrido pelo menos três anos.

(Continua no próximo número)



Basta


a melhor alternativa

Herbicida total
Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Com. Sítio n.º 1438

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

Pagaram a Assinatura

1989/90/91 — Álvaro Nogueira Valentim, Fão, 2.250\$00; Manuel José Ferreira, Ostr-Fão, 3000\$00. 1990/91/92/93 — António José Costa Reis, Fão, 3000\$00; António Domingues da Venda, Fão, 3000\$00. 1991/93/93 — Dr. José Albino Torres Saraiva, Esposende, 3000\$00; Casimiro da Costa Fobseca, Fão, 2250\$00; José Manuel Simões Marques Correia, Fão, 3000\$00; Ernesto Pereira de Azevedo, Brasil, 5000\$00. 1991 — António Rodrigues Dias, Fão, 750\$00. 1991/92 — António G. da Silva Morgado, Brasil, 2000\$00. 1992 — D. Maria Georgina Lacerda Viana, Fão, 750\$00; Joaquim Morais da Silva, Lisboa, 1000\$00; José Feliciano Duarte, Barcelos, 1000\$00; D. Maria Augusta Gonçalves Moledo, Fão, 750\$00; Amadeu Vassalo da Costa, Fão, 750\$00; Aveitino Santos Graça, Apúlia, 1000\$00; D. M.ª da Conceição Xavier Torrinha Cardoso, Guimarães, 1000\$00; Adalberto de Campos Moraes, Porto, 1000\$00. 1962/93 — João Ramalho, Algueirão, 1500\$00; Sérgio Mariz Ferreira, Fão, 1500\$00; Dr. Dinis Ruy D'Orey, Porto, 2000\$00; D. Maria Alice Fernandes Morais, Barcelos, 1500\$00; Irmand Moteo, França, 2000\$00; Francisco Fernando Faria da Silva, Holanda, 2000\$00. 1993 — Prof.ª D. Cristina Mendanha, Açores, 1000\$00; Angélico do Vale Miranda, Fão, 750\$00; José Morais Casanova, Braga, 1000\$00; Manuela Ramiro Branco da Cruz, França, 3000\$00; António Gaia, Matosinhos, 750\$00; José Manuel Ferreira da Silva, Matosinhos, 750\$00; Mário Gonçalves Ferreira, França, 1000\$00; D. António Gomes da Silva, Fão, 750\$00; David da Silva Monteiro Enes, Matosinhos, 750\$00; D. Maria Sameiro Rosa, Londres, 1000\$00; António Manuel Marques Santos, Porto, 750\$00; Adolfo José Ferreira Ribeiro, Amadora, 2000\$00; Hermenegildo Morais Gomes, V. N. Gaia, 1000\$00; António Morais gomes, Fão, 1000\$00; Manuel Lopes Galfém, Alemanha, 1000\$00; João Eduardo Pinto da Costa, Porto, 1000\$00; 1993 — Luís Morais da Silva, Mata, 750\$00; Dr. Juvenal Silva, Esposende, 5000\$00; Manuel da Cruz Pimenta, Gandra, 1000\$00; Augusto de Faria, Suíça, 1000\$00; Júlio Mactel Oliveira, França, 1000\$00; José Maria da Costa Leite, Guimarães, 1000\$00; José Ferreira Magalhães, França, 1000\$00; Joaquim Magalhães, França, 1000\$00; Américo do Vale Carvalho, França, 1000\$00; António de Jesus Carlos, França, 1000\$00; Casimiro Fernandes Matias, Lisboa, 1500\$00; José Maria Fernandes Matias, Lisboa, 1500\$00; Armandino Antunes, Fão, 1000\$00; D. Edir Mariz da Venda, Fão, 750\$00; D. Maria Eugénia de Jesus Carlos, Fão, 750\$00; Orlando Ferreira Graça, França, 1000\$00; Joaquim Ferreira da Silva, Fão, 1000\$00; José Morim de Faria, França, 1000\$00; Manuel Elias Ferreira Graça, França, 1000\$00; Armando Reis, Fão, 750\$00; Armando Jorge Pereira reis, Águeda, 750\$00; Manuel Pires do Monte, Fão, 1000\$00; António Morais casanova, Amadora, 800\$00; Arq. Luís Pádua Ramos, Porto, 2500\$00; D. M.ª Luísa Pádua Ramos, 2500\$00; D. Benilde Faria da Silva, Brasil, 1000\$00; João Mendanha Cruz, Lisboa, 750\$00; Dr.ª Maria Teresa Mariz Ferreira, Aveiro, 1000\$00; Prof.ª Aida Mariz Correia Mendes, Porto, 1000\$00; Miguel da Silva Ferreira, Fão, 1000\$00; José Oliveira Faria, França, 1000\$00; Prof. Mário Ramiro Dias Ferreira, Porto, 1000\$00; Eng. José Carlos Mariz Ferreira, Caparica, 1000\$00; Dr. fernando Mariz Ferreira, S. Mamede de Infesta, 1000\$00; Eng. Mário Ramiro Mariz Ferreira, Maia, 1000\$00; Prof. D. Maria Belmira Mariz Ferreira, Valongo, 1000\$00; Fernando Linhares de Castro, Póvoa de Varzim, 750\$00; Jaime da Cruz Vilela, Lisboa, 1000\$00; Manuel Gomes da Costa, Porto, 1000\$00; Carlos Amâncio Carvalho Dias, Brasil, 1000\$00; D. Cremilda Costa, Brasil, 1000\$00; D. Maria Ribeiro Fernandes Branco, Fão, 750\$00; Félix Leites, Brasil, 1000\$00; Manuel de Sá Leites, Fão, 750\$00; Augusto Cândido Paula Gonçalves, Fão, 1000\$00.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

(CONSULTAS GRATUITAS)

Rua da Misericórdia, 4-6 — Tel. 75777
4700 BRAGA

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA
TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS
TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538
APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilelhelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

ENTRE O RIO E O MAR, JUNTO AO ESTUÁRIO DO CÁVADO

Facilidades Especiais para:

BANQUETES

Casamentos
Baptizados
Aniversários

Reuniões de Empresas
Estágios Desportivos

BUNGALOWS (TO, T1, T2) nos jardins das piscinas, a preços PROMOCIONAIS POR DIA, SEMANA OU MÊS

Desde: dia: 5.000\$00 — 15 dias: 50.000\$00 — semana: 30.000\$00 — 1 mês: 90.000\$00

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 98 14 73
FAX 053 - 98 22 65



OFIR



FÃO EM FESTA

Homenagem aos Pescadores do concelho de Esposende e a figura do passado

No local onde terá sido lançado à água o último navio construído em Fão, realizou-se a I Grande Festa dos Pescadores, homens do mar e do rio, Peixarias e Marinheiros, Construtores e artificies da construção de naval, as entidades representativas e de apoio à classe marítima.

O dia 3 de Outubro não chegou para tantas manifestações religiosas, culturais, recreativas, de convívio e de animação, ali pertinho do rio e da ponte. Mas, atraiu muito particularmente, o desfile das imagens das padroeiras. É que, a juzante da ponte de Fão, nunca se viu os Santos a viajar pelo rio. Por isso, o conjunto de barcos a proteger a Senhora da Guia, de Apúlia, que atravessou o mar que a separa da barra de Esposende até chegar ao ponto de encontro, foi espectacular, mesmo naquela manhã de nevoeiro; S. Pedro, de Esposende, acompanhado de muitos barcos, com tripulação vestida a preceito, subiram em formação de esquadra, juntando-se ao cortejo com as imagens da Senhora do Lago e de N. S. da Bonança.

Feito o cumprimento muito especial e depois do lançamento das girândolas de foguetes que assinalaram este encontro memorável, os barcos vararam na praia e as imagens conduzidas para junto do altar improvisado, onde o Arcipreste de Esposende e Prior de Fão, Padre José Vilar celebrou a Missa de acção de Graças. Na Homília, o celebrante recordou a vida de risco do pescador, dos seus problemas, mesmo humanos e pediu a melhoria de condições de trabalho, convidando os fiéis a orar, dizendo: «Esta Festa demonstra que o Homem tem saudades de Deus».

Nas instalações do centro Cultural de

Fão reuniram-se os homenageados e entidades oficiais que assistiram ao almoço: Secretário de Estado do ambiente, Presidente da Câmara Municipal de Esposende, Alberto Queiroga Figueiredo e vereadores permanentes; Delegado Marítimo e o Director da Estação Rádio-Naval de Apúlia, Portela Rosa, da Escola

B. V. de Esposende (Antas), encerrando a esta com uma sessão de fogo de artifício, já de madrugada.

Durante o dia, realizaram-se corridas de barcos a motor, além da demonstração de algumas artes típicas do Concelho.

A festa teve o apoio e a colaboração da Câmara Municipal de Esposende e de empresas.

O Coral Polifónico de Fão participou na missa.

A. COSTA



O local dos «estaleiros» e a ponte encheram-se de gente

de Pesca de Lisboa, representante do Director-Geral das Pescas; FORPESCAS, de Viana do Castelo, entidades locais ligadas às actividades do mar, autarcas e muitos dos homenageados ou os seus representantes. Em palco improvisado, a Dr.^a Ivone Baptista, coordenadora da Festa dos Pescadores, na sua alocução, disse que chegou o momento de se homenagearem as gentes do mar e da pesca, os construtores navais, artificies, marinheiros, comandantes e pilotos, vendedeira de peixe, mulheres da varga, entidades ligadas ao apoio e à segurança, sem esquecer a imprensa local. «O Novo Fanguero» fez parte do lote dos homenageados, assim como os restantes do concelho de Esposende.

À medida que o dia se aproximava do fim, com a chuva impertinente a fazer «mossa», sucederam-se os números do programa: exibição do Grupo dos Sargaceiros de Apúlia, Rusga de Fão e as Janeiras de Apúlia, José Praia e a Banda dos

EXPOSIÇÃO «ALMADA NEGREIROS — 100 ANOS»

O ano de 1993 assinala o Centenário de Nascimento de Almada Negreiros, poeta, romancista, dramaturgo, ensaísta e artista plástico que, integrando o grupo do Orpheu se tornou um dos nomes mais representativos do Modernismo Português.

Neste sentido, a Biblioteca Municipal de Esposende apresentou ao público, de 28 de Setembro a 9 de Outubro, a exposição organizada pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, intitulada «Almada Negreiros — 100 anos».

Esta exposição foi acompanhada por um desdobrável informativo e por uma pequena colecção de postais magnificamente elaborada, onde se revela Almada Negreiros artista plástico invulgar.



Arménio, velho lobo do mar, depois de ser convocado

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO